

**EDUCAÇÃO FÍSICA PROGRESSISTA DE GHIRALDELLI JR E O PROTO MARXISMO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA DOS ANOS 1980**

**EDUCACIÓN FÍSICA PROGRESIVA DE GHIRALDELLI JR Y LO PROTO MARXISMO EM
LA EDUCACIÓN FÍSICA DOS AÑOS 1980**

**PROGRESSIVE PHYSICAL EDUCATION OF GHIRALDELLI JR AND THE
PROTOMARXISM IN PHYSICAL EDUCATION OF THE YEARS 1980**

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v14i2.45505>

Ana Beatriz dos Santos Carneiro¹

Carlos Henrique Ferreira Magalhães²

Marcelo Paula de Melo³

Resumo: A Educação Física, influenciada pela conjuntura dos anos 1980, passou por um processo de renovação com seus autores questionando o histórico conservadorismo da área e assumindo postura de crítica social. O Movimento Renovador da Educação Física tem sido associado à tradição marxista. Entre os fatos históricos marcantes e decisivos para os rumos do campo crítico está o fim da Ditadura Empresarial-Militar, a decadência do socialismo real e a germinação do projeto neoliberal no Brasil. Com a análise de Educação Física Progressista e alguns dos clássicos dos anos 1980 nossa intenção é demonstrar que o marxismo sem Marx se fez presente na produção de Ghiraldelli Jr.

Palavras-Chave: Educação Física. Marxismo. Anos 1980

Resumen: La educación física influenciada por la coyuntura de los años ochenta pasó por un proceso de renovación con sus autores cuestionando el conservadurismo histórico del área y asumiendo una postura de crítica social. El Movimiento de Renovación de Educación Física pronto se relaciona con la tradición marxista. Entre hechos históricos llamativos y decisivos para la dirección del campo crítico se encuentra el final de la dictadura comercial-militar, el fin del socialismo real y la germinación del proyecto neoliberal en Brasil. Con el análisis de la Educación Física Progresiva y algunos de los clásicos de la década de 1980, nuestra intención es demostrar que el marxismo sin Marx estuvo presente en la producción del Ghiraldelli Jr.

Palabras clave: Educación Física. Marxismo. 1980

Abstract: Physical Education influenced by the 1980 conjuncture through a renewal process with its authors questioning the historical conservatism of the area and assuming social critique posture. The renewal movement of physical education is related to the Marxist tradition. Among the marked and decisive historical facts for the critical field courses is the end of the business-military dictatorship and recurring facts of these process, the decay of real socialism and the germination of the neoliberal project in Brazil. With the analysis of the progressive physical education and some the classics of the 1980s our intention is to argue that Marxism without Marx became present in the production of Ghiraldelli Jr.

Keywords: Physical Education. Marxism. 1980s

Introdução

A década de 1980 na América Latina e no Brasil foi um momento que múltiplas forças políticas em oposição às ditaduras empresarial-militares se objetivaram na história com a garantia democrática de organizar partidos e sindicatos que contestassem a exploração e as opressões. Essa crítica contundente na política e na sociedade fez-se presente em distintas instituições, dentre elas a Universidade e sua Pós-Graduação. Poucos eram os que defendiam o fechamento do Congresso, do Supremo Tribunal Federal ou a censura nos meios de comunicação na década de 1980. Essa conjuntura “crítica” pode nos fazer crer que havia uma perspectiva de “mudar” a sociedade. Mas o que significa mudar ou transformar a sociedade? Quando seres sociais pensam em mudar a sociedade está em pauta acabar com a exploração do homem pelo homem no trabalho? Está em pauta acabar com o trabalho alienado? Está em pauta acabar com o Estado e com o capital, conforme assevera Mészáros (2002)?

Os anos 1980 foram para a Educação Física uma década de efervescência teórica com uma virada de ideias na direção de uma rediscussão do papel da mesma na sociedade brasileira. O debate é marcado pela crítica das concepções até então vigentes de Educação Física, além do questionamento do seu papel como disciplina curricular e as condições em que se encontrava a mesma em termos de produção acadêmica/científica (MALINA, 2005). Com a volta dos exilados políticos, com a Lei da Anistia (1979), fim do bipartidarismo e surgimento de novos partidos e com a forte mobilização contestatória de diversas matrizes da sociedade civil e emergência de movimentos sociais urbanos e no campo que expuseram a fratura da ditadura civil militar, como uma nova, e alguns casos inédita, capacidade organizativa. Estava em disputa nas lutas de classe travadas na sociedade civil a abertura política, sob os anseios de construir uma sociedade mais democrática após vinte e um anos de censura, repressão política e autoritarismo impostos pelo golpe de 1964. (FONTES, 2010)

Influenciado pelas lutas sociais e as características conjunturais daqueles anos, o movimento oitentista foi denominado Movimento Renovador da Educação Física (MREF) (BRACHT; MACHADO, 2016). Dentre um conjunto de obras relevantes, esse estudo tem como objetivo investigar a relação da obra clássica de Paulo Ghiraldelli Junior “Educação Física Progressista” (GHIRALDELLI, 1988) com o marxismo e sua eventual presença (ou não), assim como teria se dado essa apropriação por esse autor. Especialmente, investigamos: é correta afirmar que essa obra de Ghiraldelli é um texto marxista? Suas análises acerca da Educação Física estariam assentadas no marxismo? Caso sim, quais seriam suas aproximações? A presença de eventuais termos e conceitos caros à tradição marxista e marxiana permite situar esse texto nessa tradição? Quais as particularidades dessa presença desses conceitos e categorias caros à tradição marxista e marxiana nessa obra? Menos que do que um julgamento atemporal e ahistórico

acerca das possibilidades de que dispunha a primeira geração do Movimento Renovador em Educação Física de manejar com profundidade – sendo necessário inclusive ressaltar o momento formativo dos autores e autoras no momento de elaboração dessas obras – importa-nos apreender o quanto a suposta presença do marxismo influenciou na imagem de que teria havido uma predominância do marxismo nos estudos dos anos 1980.

A eleição da obra de Ghiraldelli Júnior (1988) deu-se por sua marcante presença e contribuição para o MREF, destacando-se no debate nos anos 1980 sobre a concepção de Educação Física e por ter sido encontrada como referência em artigos, livros, bibliografia de cursos de graduação, pós-graduação e de concursos públicos ao longo de todo anos 1990 e até início dos 2000.

Os autores do campo crítico ou MREF foram, ao longo da década de 1980, e na década seguinte, associados por sua posição teórica crítica na Educação Física ao pensamento marxista. A simples presença de citações e termos relacionados à tradição marxista tais como luta de classes, ideologia dominante, classe dominante, alienação, revolução, mesmo que sua apropriação não seja necessariamente fiel – por diversas razões, incluídas aí o momento particular de formação década autor ou autora, bem como a própria configuração política da Educação Física em particular, e das ciências humanas em geral – produziu uma impressão que houve uma apropriação do marxismo em larga escala pelo movimento renovador.

Década de 1980: lutas sociais, Ditadura e o Debate Teórico na Educação Física

Os anos 1980 foi uma década no Brasil de esperança de dias melhores. A década ainda foi marcada no mundo por diversos acontecimentos histórico-políticos como as mudanças estruturais no socialismo da União Soviética, acompanhada pelo enfraquecimento dos velhos partidos comunistas nos países ocidentais. O declive das tensões nucleares entre URSS e EUA presente ao longo desses anos, ou decaída da Guerra Fria. Assim como os processos de redemocratização na América Latina após os longos regimes ditatoriais que assolaram a região; e, por último, mas não menos importante, o processo/movimento em curso de mundialização e financeirização do capital, sob o termo da moda da época: globalização (HOBBSAWM, 1995). Essa era a universalidade que compunha a organização de múltiplas singularidades, dentre elas, o Movimento Renovador na Educação Física brasileira foi uma das contradições objetivadas nessa conjuntura de fim da ditadura. O debate particular na Educação Física esteve (e está) diretamente inserido dentro de um debate mais amplo. Como não poderia deixar de ser diferente a Educação Física também foi palco social de disputa e expressão das intensas lutas entre classes daqueles anos e as perspectivas críticas daquela época estão materializadas na produção acadêmica.

Entre tantos autores e obras representantes do Movimento Renovador podemos destacar o importante e pioneiro livro da década “A Educação Física cuida do corpo e... Mente” (1983), de João Paulo Subirá Medina no qual relata a crise pela qual passava – e necessitava – e a busca da Educação Física por uma identidade, um sentido norteador.

Vitor Marinho de Oliveira buscou esclarecer, mas também problematizar, partindo do estudo de história provocou o debate sobre “O que é Educação Física” (OLIVEIRA, 1983). Um pequeno livro dedicado à coleção Primeiros Passos da Editora Brasiliense “que a princípio foi idealizada para estudantes do 2º grau. A carência de literatura especializada nos meios acadêmicos, contudo, fez com que a maior parte dos títulos dessa coleção fosse adotada em cursos superiores”, afirmou posteriormente o autor (OLIVEIRA, 2005, p.137). Na Educação Física não foi diferente, e essa obra foi referência por anos em diversos cursos de graduação.

Ainda no campo da história, passando pela crítica do processo histórico da Educação Física, podemos citar o importante “Educação Física no Brasil: A História que não se conta” (CASTELLANI FILHO, 1988). Buscando, como sugere o título, explanar uma história não-oficial da Educação Física brasileira, Lino Castellani Filho conta sua versão em um ensaio editado como em atos teatrais. Para reescrever adequadamente a Educação Física, seria necessário tirar suas vestes, “desnudá-la desvendarmos e passarmos a entender a personagem por ela representada no cenário educacional armado no palco social brasileiro”. (1988, p. 11) Para o autor, a Educação Física teria ao longo de sua história representado diversos papéis nessa peça, com significantes para cada momento histórico.

Em “Educação Física: Raízes Europeias e Brasil”, de Carmen Lúcia Soares, discutiu-se o pano de fundo médico-militar no discurso de saúde. (SOARES, 1990). Carmen Lúcia introduziu seu texto explicando que a Educação Física nascia a partir da consolidação do Estado burguês e da burguesia enquanto classe ou do estabelecimento do capitalismo como modo de produção da vida e o eminente surgimento do proletariado como classe oponente política. Expondo o processo histórico da Educação Física, relata como a mesma foi instrumento de moral, disciplina e ordem social.

Valter Bracht explicita no livro “Educação Física e Aprendizagem Social” como a Educação Física buscou por identidade e legitimidade pedagógica como disciplina no currículo escolar. Entendendo a Educação Física como prática social que deve ser contextualizada na sociedade de classes do capitalismo brasileiro e reconhece sua dimensão de cultura corporal de movimento presente na totalidade da vida social (BRACHT, 1997). Apesar desse livro ter sido publicado em 1992, apenas 1 capítulo (dos seus 4) era inédito. Então esses textos já tinham impacto na área desde segunda metade da década de 1980.

Foi comum a afirmação que o Movimento Renovador da Educação Física dos anos 1980 – mesmo em análises que não usam essa expressão – teria sido assentado no pensamento e tradição marxista e marxiana. Como exemplo, trazemos a relevante tese de Jocimar Daólio (1997) que posteriormente foi publicada em livro pela editora Papyrus. O professor da Unicamp em diversos momentos defende essa posição. De início aponta a presença de formas variadas de pensar

a Educação Física a partir do que chama de abordagens mais sociológicas, enfatizando a dimensão de homem como fruto da estrutura política, econômica e social. Talvez tenham contemplado a historicidade e isso constituiu-se em significativo avanço para a Educação Física, mas perdeu-se nessa abordagem a dimensão da individualidade. O indivíduo foi resumido a simples membro de classe social, ou do

proletariado, ou da sociedade. Parece ter sido o caso das análises que utilizaram - pelo menos inicialmente - a abordagem marxista (1997, p. 90).

Ainda com Daólio, temos a afirmação textual que as obras de Medina (1983) e Castellani Filho (1988)

.... culminam com uma terceira tendência, na época ainda a ser consolidada, de cunho revolucionário, com inspiração marxista, enfatizando os níveis histórico, social e político. (...) Na verdade, estávamos diante de um sólido grupo de intelectuais que começava a se alinhar em torno das idéias de Karl Marx. (DAOLIO, 1997, p. 37).

Seguindo, na referida tese de doutorado de Jocimar Daólio são diversos momentos que ele considera o grupo crítico que passou a dirigir o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – entidade científica do campo da Educação Física – a partir de 1989 como parte do grupo marxista (p.37 e p.38). Mesmo usando uma expressão que o grupo era majoritariamente, mas não exclusivamente marxista – algo que contestamos a partir da análise dos textos produzidos nesse período (KHALIL, 2019, MORAES, 2020) – foi constante a menção acerca de suposta presença do marxismo.

Essas indicações de Jocimar Daólio (1997) apontam uma inconsistência a respeito do materialismo histórico-dialético. Afirmar que o ser social é resumido a simples membro de uma classe social demonstra uma falsificação e uma incoerência que em nada remete a obra marxiana. Qualquer conceito elaborado por Marx e Engels estão inseridos numa totalidade e com múltiplas determinações. Essas determinações são filosóficas, históricas, culturais, econômicas, políticas e todos os conhecimentos necessários para que Marx e Engels apreendam a verdade histórica das determinações que fundam as relações sociais capitalistas. Desse modo o conceito classe social, para o seu entendimento exige o entendimento da origem, da estrutura e da dinâmica desse conceito. Exige o entendimento para além das aparências que o fenômeno apresenta-se para chegar à essência com suas múltiplas contradições.

Se isso pode ser atribuído as obras em tela do Movimento Renovador – algo que não temos acordo – certamente não o será em relação a produção marxiana e de seus comentadores mais expressivos. Marx (2004a), em seu texto de 1844, teve uma preocupação de destacar como esse trabalhador/indivíduo torna-se um servo, torna-se um ser que não reconhece a si mesmo, não reconhece o outro e não reconhece a realidade intensificando seu estranhamento. Ainda destaca que “o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo nas suas funções animais, comer, beber e procriar (...) o animal se torna humano, e o humano, animal.” (p.83). Essa mesma preocupação com o indivíduo também é observada em sua obra madura, em 1859, O Capital (MARX, 2004b). Seu conceito sobre o Fetichismo da Mercadoria nos induz a refletir como os seres se relacionam como coisas. Nesse sentido Marx (2004b) está nos convidando a analisar por que o sujeito vira objeto e o objeto vira sujeito. Marx (2004 a/b) ao longo de sua obra sempre teve a preocupação de entender a dificuldade, os obstáculos que inviabilizam o homem viver sua plenitude, como gênero humano. Dessa forma entendemos que Marx (2004 a/b) e Lukács (1965) tiveram uma preocupação de entender o indivíduo a partir de sua materialidade histórica objetivada, o trabalho, a qual é considerada a categoria fundante do ser social, tendo as demais atividades

(políticas, culturais, sociais e até as econômicas, entre outras) uma relação de modificação e interação mútua entre elas no plano da totalidade.

Outro exemplo dessa atribuição da (suposta) presença do marxismo na Educação Física veio de Hugo Rodolfo Lovisolo no livro “Educação Física: a arte da mediação” (1995). Mesmo tecendo crítica a qualidade desse (para nós suposto) marxismo, afirmou ser:

a corrente dominante dentro do cientificismo da educação física. Na verdade um marxismo muito fraco, por vezes nem mesmo um marxismo. Falta-lhes a seus defensores muita leitura, reflexão e observação humilde dos dados que correspondem à realidade formulada pelo próprio marxismo. Um marxismo ao qual falta a observação dos dados, como os que Marx apurava nos informes dos inspetores de fábricas ingleses ou Lenin nos censos dos Estados Unidos, corre o risco de ser apenas preconceito (LOVISOLO, 1995, p. 11).

Concordamos quando Lovisolo não considera o Movimento Renovador uma expressão elevada do marxismo, sendo até mesmo, como mostram estudos de Moraes (2020) e Khalil (2019), uma versão menos profunda dessa tradição teórico-política. As razões são variadas, incluindo o próprio amadurecimento dos autores – quase todos em formação e perto dos 30 anos de idade, alguns até com menos – e do campo teórico. Contudo, dessa correta aceção de um marxismo pouco profundo, Lovisolo (1995) faz ele mesmo uma crítica ao conjunto da tendência marxista tão ou mais superficial que seu objeto da crítica anterior – que em momento algum de sua obra ele nomeia quais autores ou obras são seus interlocutores. O professor Lovisolo (1995, p. 12) defende textualmente que:

Quando a principal confiança marxista, no plano da intervenção, a de que um mundo centralizado e planejado é superior a um mundo regido pelo mercado parece haver-se derrubado, ou pelo menos eclipsado, e quando ao invés da paz e unidade os países socialistas enfrentam o fantasma bastante real da guerra interna e da fragmentação, a humildade do cientista deveria substituir a crença dogmática.

Tratando-se de uma crítica deveras empobrecida do pensamento de Marx e da concepção materialista histórica-dialética, destacamos que, de início, que não se trata de confiança. Marx nos assevera que o ser social somente poderá ser livre se viver numa relação social a qual haja redução do tempo da jornada de trabalho e fim da apropriação privada dos frutos do trabalho coletivo do ser social. Mais expressamente, afirma Marx (1991):

A liberdade nesse domínio só pode consistir nisto: o homem social, os produtores associados regulam racionalmente o intercâmbio material com a natureza, controlam-no coletivamente, sem deixar que ele seja a força cega que os domina; efetuam-no com o menor dispêndio de energias e nas condições mais adequadas e mais condignas com a natureza humana. Mas, esse esforço situar-se-á sempre no reino da necessidade. Além dele começa o desenvolvimento das forças humanas como um fim em si mesmo, o reino genuíno da liberdade, o qual só pode florescer tendo por base o reino da necessidade. E a condição fundamental desse desenvolvimento humano é a redução da jornada de trabalho (p.942).

Outro fato a ser destacado que a principal “confiança” marxista não é um mundo planejado e centralizado. Mészáros (2002) afirma que o “projeto socialista é infinitamente maior do que a da antiga União Soviética” (p.45). Ainda assevera-nos o autor que o projeto socialista necessita visar acabar com o

Estado, acabar com o trabalho alienado e acabar com o capital. Mészáros (2002) considera que as experiências de tentativa de superação do capitalismo no século XX devem ser consideradas como organizações sociais pós-capitalista e não socialista, pois as mesmas não conseguiram suprimir a divisão hierárquica social do trabalho, condição *sinequa non* para um projeto de ruptura com a relação social capitalista. Tributar das experiências do socialismo real do leste europeu e de outros continentes à fortuna ao conjunto concepção marxiana é marxista é uma posição pouco profunda.

. O campo crítico da Educação Física não se constituiu de marxismo e este tampouco foi hegemônico. As perceptivas de transformação social tão evocadas nas obras refletem as lutas da sociedade brasileira dos anos 1980, com os autores envolvidos em diversas pautas da totalidade social, como a da redemocratização que foi expressada na produção científica. A transformação social pretendida era abstrata.

Educação Física Progressista – A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira ou a sua (suposta) apropriação de Marx e do marxismo

Educação Física Progressista (GHIRALDELLI, 1988) teve considerável impacto na Educação Física brasileira. O trabalho foi construído no tempo em que o autor estava em formação como mestre-doutorando em Filosofia da Educação pela PUC-SP e lecionava no curso de Educação Física da UNESP (Rio Claro-SP). Em nossas investigações, identificamos a última edição em 2004, sendo esta a nona. Considerando não estar no catálogo da Editora Edições Loyola, presumiremos ser essa a última lançada pelo autor.

Contando com um prefácio do professor José Carlos Libâneo – assinado em fevereiro de 1988 – o texto conta com VI capítulos. O primeiro capítulo recebe nome de “Introdução” e é composto pelos itens “Educação Física Higienista”, “Educação Física Militarista”, “Educação Física Pedagógica”, “Educação Física Competitivista” e “Educação Física Popular”. O Segundo capítulo recebe a denominação de “As Filosofias Subjacentes às Concepções de Educação Física”. Os itens que os compõem recebem os mesmos nomes dos capítulos anteriores. Já o capítulo III, IV e V não possuem itens internos pelo índice do livro. Respectivamente tem os títulos: III – Educação Física e Processo Histórico; IV – Educação Física: da que não temos para que não queremos; V – O Professor de Educação Física como Intelectual: indicações para uma educação física crítico-social dos conteúdos. Por fim, o VI e último capítulo é nomeado como “Bibliografia”.

Como exposto pelo autor, a intenção foi produzir um texto introdutório, com a elaboração de um quadro classificatório das correntes e tendências da Educação Física no Brasil. Disto, Ghiraldelli apresenta o que considera serem

(...) cinco tendências da Educação Física brasileira: a Educação Física Higienista (até 1930); a Educação Física Militarista (1930-1945); a Educação Física Pedagógica (1945-1964); a Educação Física Competitivista (pós-64); e, finalmente, a Educação Física Popular” (GHIRALDELLI, 1988, p.16).

A escolha do autor de categorizar cada tendência encontrada por anos que supostamente a contemplam indica distanciamento completo de uma concepção marxista da história. A falta de uma concepção dialética da história faz com a redação sugira que essas concepções sejam estanques com data de início e encerramento. Menos que uma crítica fácil atemporal, nos interessa que esse método de compreensão e apreensão do real guarda nenhuma aproximação com marxismo.

Na apresentação das concepções de Educação física interessa-nos mais diretamente a que Ghiraldelli Junior (1988) chama de Educação Física Popular. Essa não estaria então materializada em produção teórica, sendo expressa, adverte o autor, “quase que exclusivamente numa “teorização” transmitidas oralmente entre as gerações de trabalhadores desse país” (GHIRALDELLI, 1988, p. 21). Também afirma que não se pretende disciplinadora de homens ou em busca de medalhas olímpicas tampouco educativa no sentido empregado pela anteriores, assim como defende que a concepção popular a Educação Física serve aos interesses dos trabalhadores, tendo as práticas corporais a finalidade de promover a organização e mobilização e através da ludicidade e cooperação promover “solidariedade operária”. “Ela entende que a educação dos trabalhadores está intimamente ligada ao movimento de organização das classes populares para o embate da prática social, ou seja, para o confronto cotidiano imposto pela luta de classes” (GHIRALDELLI, 1988, p. 21).

Sobre a Educação Física popular primeiramente o autor esclarece que não se trata da Educação Física praticada por todo o povo, mas sim, a que surge da prática social dos trabalhadores, especialmente dos organizados no movimento Operário e Sindical. Pois, “das experiências encetadas pelos núcleos mais conscientes do Movimento Operário é possível resgatar uma concepção de Educação Física relativamente mais autônoma” (GHIRALDELLI, 1988, p. 33). Conclui que é do interior dos movimentos dos trabalhadores é que surge a concepção, enfatizando a ludicidade, solidariedade e a organização para a construção de uma sociedade democrática.

Como fica exposto, a afirmação de compromisso não foi capaz à época de apontar os mecanismos de efetivação disso na práxis em Educação Física. Novamente, o desejo que a educação dos trabalhadores esteja a serviços dos mesmos não deve ser entendido abstratamente das relações sociais concretas e correlação de forças. Sem isso, vira petição de boas intenções, aos quais estão cheias o inferno, como lembra a sabedoria popular.

Segundo Ghiraldelli (1988), a concepção higienista, muito forte durante o final do Império e a Primeira República (1889 - 1930), impactou os rumos do campo da Educação Física em diversas dimensões. Como parte da característica da produção de uma época, o autor afirma que essa concepção estava assentada no pensamento liberal, ainda que hoje possamos avaliar que a protoburguesia brasileira na virada do século XIX para século XX não nos permita defender nem sua existência e menos ainda

ignorar as contradições dessa dita filiação liberal das classes dominantes brasileiras. Isso leva Ghiraldelli a ver relações sociais capitalistas no Brasil já na época do famoso parecer Ruy Barbosa no início da década de 1880.

Há debate relevante de Ghiraldelli com Antonio Gramsci no quinto e último capítulo, ainda que limitado a menos de 2 laudas. Intitulado “O Professor de Educação Física como Intelectual: Indicações para uma Educação Crítico-Social dos conteúdos”, defende que em seus diferentes espaços de atuação o trabalhador de Educação Física é antes de tudo um intelectual. Deste apontamento, Ghiraldelli Junior retoma a máxima gramsciana de que todos os homens são intelectuais, ainda que nem todos em sua atividade laboral atuem como intelectuais. Com uma citação não literal, com adaptações terminológicas da passagem do livro de Gramsci então disponível “Intelectuais e Organização da Cultura⁴⁷”, Ghiraldelli afirma:

A separação entre *homo faber* e *homo sapiens* não se efetiva no plano da realidade da vida concreta. Mesmo o trabalho mais relacionado com o esforço físico implica sempre um mínimo de “atividade intelectual”. Além do mais, no âmbito externo à sua profissão, cada homem envolve-se com opções de gosto, de estética e de participação numa determinada concepção de mundo. Todavia, se todos os homens são intelectuais, isso não quer dizer que todos atuam socialmente como profissionalmente intelectuais. Existem aqueles que, necessariamente, têm em suas profissões a “atividade intelectual” como pólo nuclear e fundamental (GRAMSCI *Apud*, GHIRALDELLI, 1988 p. 52).

Considera que os intelectuais não estão isoladas das classes e frações de classes sociais, mas que cada classe produz seus intelectuais com as funções de organizar, sistematizar, elaborar o pensamento social do grupo ao qual está organicamente ligado. Os intelectuais atuam como mediadores no debate público, porta voz do conglomerado cultural do seu “grupo” – o autor coloca como figura de linguagem “arauto reflexivo” – inserindo na sociedade e no próprio grupo social “o ideário que representa os interesses de tal grupo” (1988, p. 53). Textualmente defende que:

Não queremos dizer com isto que os intelectuais funcionam como elementos mecanicamente ligados às classes e frações de classes (apesar de isso ser verdadeiro para grande parte deles). A tendência das classes sociais é a de forjar também “grandes intelectuais” capazes de usufruir de relativa autonomia em relação aos interesses dos grupos socioeconômicos aos quais estão organicamente vinculados (cf. Santos, s.d., p. 97). Isso possibilita não só uma “consciência crítica” do grupo social como também uma maior dinamicidade nas ciências, na filosofia, nas artes etc. (1988, p. 53).

Afirma o papel de dirigente cultural e político do intelectual, e dialogando com Marilena Chauí com seu conceito de hegemonia como cultura. Logo afirma que “Em última instância, trabalham para que os elementos humanos absorvam uma determinada concepção de mundo e a interiorizem, num processo tão sutil quanto a respiração” (GHIRALDELLI, 1988, p. 53).

Menos do que cobrar de maneira anacrônica e atemporal uma apropriação do manancial categorial gramsciano a luz dos avanços dos estudos e da maior presença do fundador do Partido Comunista Italiano na cultura brasileira que no período de elaboração do texto de Paulo Ghiraldelli Junior, importa também contradições e desdobramentos de particular apropriação gramsciana. A despeito da menção da luta pela hegemonia e sua menção com atuação dos intelectuais, Ghiraldelli Junior optar por

manter a expressão gramsciana “grupos sociais” em substituição às classes sociais. Sabe-se que essa opção se deveu também à censura carcerária enfrentada pelo marxista sardo (COUTINHO, 2006; LIGUORI, 2007). Sua substituição é além da fidelidade ao espírito do texto carcerário. Sua determinação é expressar a vinculação umbilical do conceito de intelectual em Gramsci com as modalidades da luta entre as classes sociais fundamentais nas sociedades de tipo ocidentais, por meio da ampliação do Estado, com a sociedade civil sendo instância central da ocorrência dessa luta.

De posse de sua apropriação do conceito de intelectual em Gramsci, o autor afirma o papel do professor de Educação Física como intelectual da cultura, e sua atuação como mediador entre o acúmulo cultural com as pessoas. O seu trabalho seria em prol de as pessoas absorverem determinada visão de mundo e naturalizá-la. Mais expressamente defende que:

o profissional da área da Educação Física desenvolve a tarefa de “agente cultural” no âmbito da mais decisiva intimidade, pois atua no sentido de implantar no próprio movimento humano os ditames da cultura. Assim, a denominação do professor de Educação Física como “educador do movimento” assume uma certa veracidade e, em inúmeros casos, uma certa tragicidade! Afinal, cabe ao “educador do movimento” a tarefa de engravidar o movimento humano de cultura e, mais precisamente, de uma determinada cultura. Ao professor de Educação Física coube, então, o destino, talvez pouco confortável, de transportar a hegemonia para o conjunto complexo da individualidade humana. E estamos pensando, neste caso, a individualidade humana como um conjunto anatomopsicofisiológico, que se movimenta pelas leis da biomecânica. (1988, p.53).

Nessa longa citação, como parte de toda dimensão do debate então crítico dos anos 1980, a menção genérica à cultura (“ditames da cultura; engravidar o movimento humano de cultura e, mais precisamente, de uma determinada cultura”) servia para contrapor ao biologicismo de parte significativo do campo da Educação Física. Contudo, essa menção não é suficiente para receber alcunha de marxista ou marxiana. Não há sentido de cultura de classe como expressão dos modos de ser e viver de uma classe, nem como forma de luta ou realização de seus interesses de classes concretamente em embates com as classes e frações de classes sociais antagônicas.

Continuando, Ghiraldelli Junior realiza sua única menção a Marx no texto, chamando atenção ao que considera “essência humana” como “conjunto das relações sociais”. Essa passagem está dentro dessa citação que trazemos agora. Assim:

(...) à medida que o profissional da Educação Física introjeta determinados padrões culturais no movimento humano, colabora para que o conceito de “essência humana” como o “conjunto das relações sociais” (Marx, 1981, p. 105) chegue ao seu grau mais alto de veracidade. E estabelecer que o homem é o conjunto das relações sociais, e que tais relações descem ao nível do movimento e da postura corporal, implica considerar que também os conflitos inerentes às relações sociais se apoderam do movimento humano! (1988, p.54).

Contudo, para o autor, não se deve entender o corpo como se este fosse abstrato, como visto de forma tecnicista pelos cientistas da biomecânica e fisiologia, um corpo neutro e apolítico. Negando essa compreensão afirma que o mesmo deve ser estudado e entendido como “intimamente ligado ao movimento social” (1988, p. 54). Por isso, chama atenção, ainda que não nominando nesses termos, para compreensão do ser social e suas expressões corpóreas no bojo da totalidade das relações sociais.

As classes populares esperam que o aparato educativo, principalmente a universidade promovam a socialização da cultura. Cabendo portanto ao intelectual de Educação Física o trabalho de “na relação com o movimento e com o corpo, em cuidar para que a cultura erudita possa ser usufruída pelas pessoas que buscam seus serviços” (1988, p. 56). Relaciona cultura e pensamento progressista, afirmando que a cultura erudita, o saber sistematizado é terreno para o pensamento progressista florescer. Chama Gramsci para referenciar a cultura erudita que toma partido: Essa deve “atuar como agente organizador, disciplinador” para que as pessoas “conhece-te a si mesmo”. Para Ghiraldelli esse reencontro consigo mesmo não é no sentido psicológico mas no sentido de ser

(...) um caminho para que as pessoas se descubram enquanto seres históricos concretos, inseridos em classes que possuem interesses divergentes e antagônicos. Deve fornecer instrumentos para que as pessoas trabalhadoras, que constituem a maioria do país, enfrentem o cotidiano com menos sofrimento e com mais eficácia na luta de classes estafante na qual estamos imersos. (1988, p. 57).

Para concluir, propõe a atuação transformadora do profissional de Educação Física como intelectual progressista: “Que estabeleça um elo comum com os vetores históricos que encaminham para a construção de uma nova hegemonia, uma nova direção política e cultural, enfim, uma nova cultura e uma concepção de mundo superior e democrático.” (1988, p. 57). Para isso a prática desse professor de Educação Física progressista deve ser a de “refletir sobre as práticas progressistas que se desenvolvem no país de modo esporádico e atomizado” (1988, p. 57). Reafirma o papel do professor de Educação Física como “socializador da cultura erudita”, o qual deve ir além da aulas comuns de ginástica para que as aulas sejam um espaço rico culturalmente e estimulante para florescer o pensamento crítico.

Cumprir lembrar que por anos foi comum tomar Gramsci como teórico do campo cultura em contraponto ao suposto economicismo de parte do marxismo (vulgar certamente). Essa abordagem, fortemente influenciada pela leitura de Norberto Bobbio sobre o marxista sardo, teve impacto severo em sua recepção no Brasil nos anos 1970 e 1980 (FONTES, 2010; COUTINHO, 2006; LIGUORI, 2007). Por isso, foi comum a aproximação desencarnada, e longe da totalidade das relações sociais que marcam a tradição marxista e marxiana, do debate da cultura supostamente influenciada por Gramsci, agredindo inclusive a concepção de bloco histórico do autor do Cadernos do Cárcere.

Em Ghiraldelli podemos encontrar alguns termos caros a tradição marxista como luta de classes, força de trabalho, classe dominante, ideologia dominante. Portanto a priori, é crível para leituras desatentas que o autor parta em seu trabalho de pressupostos marxistas. Tanto pelas categorias marxianas citadas, principalmente o conceito de luta de classes que é evocado diversas vezes, como pelo diálogo com Gramsci para discutir cultura e intelectuais.

Ainda sim consideramos que seria um erro julgar Ghiraldelli ou o livro Educação Física Progressista como marxista. E nesse quesito existe apenas 1 minúscula citação direta de Marx e Engels, com menos de 1 linha. Há um debate com Gramsci (e com Saviani), mas que também ocupam poucas páginas. Mas mesmo assim, não é nossa intenção promover um marxímetro⁵, ou seja, não importa

quantitativamente as referências ao pensamento marxista e marxiano mas sim nos importa investigar como (e se) essa apropriação se deu qualitativamente.

Tomemos como exemplo o termo luta de classes: que mesmo muito citado tem problemas em sua abordagem. Este está colocado de forma que o texto supõe que o leitor entende a priori do que se trata, pois não é contextualizado como o fenômeno social que é. A síntese das relações de produção entre duas classes antagônicas, respectivamente burguesia e proletariado, que por seus interesses antagônicos diante das relações concretas no modo de produção capitalista que gera contradições na vida social. Essa relação entre opostos gera uma síntese, e essa síntese é para o marxismo o movimento histórico.

Ainda pensando como Ghiraldelli se apropria do termo luta de classes podemos perceber em sua obra que não há uma análise concreta de como se deu as lutas de classe no objeto, que teria que ser pela representação empírica conjuntural da época investigada e do objeto, neste caso o processo histórico da Educação Física. Suas críticas a esse processo expressam um dogmatismo muito caro as produções do movimento renovador. O autor não conta a história pelo movimento real da classe trabalhadora, enxergando todos os fatos históricos como dominação e os considerando somente em seus aspectos negativos. Não reconhecendo que certos acontecimentos mesmo ao passo que fossem úteis a ordem social capitalista ou servissem a classe dominante de algum jeito, também são conquistas históricas da classe trabalhadora e mesmo não só dela, mas na medida que são avanços civilizatórios, conquistas universais. Isso aparece por exemplo, ao tratar das políticas de Estado de sanitarismo que incluíam a Educação Física, escreve Ghiraldelli:

No caso da Educação Física Higienista, a ênfase em relação à questão da saúde está em primeiro plano. Para tal concepção, cabe à Educação Física um papel fundamental na formação de homens e mulheres sadios, fortes, dispostos à ação. Mais do que isso, a Educação Física Higienista não se responsabiliza somente pela saúde individual das pessoas. Em verdade, ela age como protagonista num projeto de “asepsia social”. Desta forma, para tal concepção a ginástica, o desporto, os jogos recreativos etc. devem, antes de qualquer coisa, disciplinar os hábitos das pessoas no sentido de levá-las a se afastarem de práticas capazes de provocar a deterioração da saúde e da moral, o que “comprometeria a vida coletiva”. (1988, p. 17).

Se as aspas indicam ironia, ou o sentido literal do que os sanitaristas pensavam, não sabemos. De qualquer modo é um fato que as condições de insalubridade em que viviam a maioria da população brasileira, somados aos hábitos higiênicos da época, obviamente comprometeriam a vida coletiva. Afinal, as epidemias facilmente evitadas e a mortalidade infantil não eram uma criação abstrata das classes dominantes; elas tinham existência material e ceifavam vidas, sobretudo, de trabalhadores e trabalhadoras. O texto nos indica que Ghiraldelli não encara a relação entre classe dominante e classe trabalhadora como uma relação social dialética.

A análise marxista é essencialmente classista, com vistas a realização (ou bloqueio) de interesses concretos. Ghiraldelli (1988) faz abstração da burguesia enquanto classe social dominante, ao nomeá-la, em seu texto, como “elite dirigente” (p.17), “elite” (p. 35), “elite brasileiras” (p. 36), classes dirigentes (p.

20). O termo classe social mais aparece no prefácio de José Carlos Libâneo, que em todo o texto de Ghiraldelli. Já a menção ao conceito de luta de classes ocorre quando remete à educação física popular na página 21; “luta de classes” (p.41) e “luta de classes” (p.57). Isso demonstra que sua utilização de conceitos do materialismo histórico-dialético não é tão rigorosa. Pois em determinados momentos usa o conceito de elite, weberiano, e ora usa timidamente o conceito luta de classes. Podemos entender que há um esforço do autor de possuir uma posição crítica para caracterizar a história da Educação Física brasileira, todavia parece-nos uma apropriação crítica sem Karl Marx. Ou seja, a apropriação do marxismo, é mais de linguagem, é terminológica, ainda que parcialmente.

Conclusão

Com a licença dos mais de 30 anos desde publicação de “Educação Física Progressista”, hoje notamos passagens forte tendência idealista, portanto antimaterialista. Transformar a Educação Física “num real complexo educacional capaz de efetivamente desenvolver as tão proclamadas potencialidades humanas.” (GHIRALDELLI, 1988, p. 59), exige mais que intenções e boa vontade. Também acreditamos nisso, que as possibilidades da Educação Física de humanizar o homem e fazer transcender a si mesmo como ser social são enormes. Porém não acreditamos que a Educação Física em si mesma possa realizar isto sem o enfrentamento das contradições centrais da ordem burguesa. Portanto urge a necessidade de transformação social, onde o ser emancipado não apenas politicamente, mas como ser humano possa atingir suas reais potencialidades, como nos explica o Marx tardio:

O reino da liberdade só começa, de fato, onde cessa o trabalho determinado pela adequação a finalidades externas (...). Nesse terreno, a liberdade só pode consistir em que o homem social, os produtores associados, regulem racionalmente esse seu metabolismo com a Natureza, trazendo-o para seu controle comunitário, em vez de serem dominados por ele como se fora por uma força cega; eu o façam com o mínimo emprego de forças e sob as condições mais dignas e adequada a sua natureza humana. Mas esse sempre continua a ser um reino da necessidade. Além dele é que começa o desenvolvimento das forças humanas, considerado um fim em si mesmo, o verdadeiro reino da liberdade, mas que só pode sobre aquele reino da necessidade como sua base. A redução da jornada de trabalho é a condição fundamental. (Marx e Engels, 1986, p. 273).

Recorrendo ainda ao pensamento marxiano pensamos que dá para enquadrar Ghiraldelli no que Marx (2009) chamou em sua crítica a Feuerbach de materialismo contemplativo. Em algumas análises Ghiraldelli não é materialista. Para Marx e Engels idealismo é “ação imaginada de sujeitos imaginados” (2009, p. 32). O autor o faz quando pensa por exemplo, a Educação Física popular, num *dever ser*, e não a partir da materialidade do realmente existente. Principalmente por não fundamentá-la com fontes primárias. É o que não faltava, ao pensar na extensão de práticas corporais, jogos, lutas, danças, brincadeiras, que historicamente emergem da cultura popular.

Mais justo com Ghiraldelli que julgá-lo um marxista, seria afirmar seu progressismo na Educação Física frente o conservadorismo de seu tempo. Mas reiteramos que seu pensamento exposto

nessa obra não supera os limites da ordem burguesa. Sua proposta para a Educação Física é idealista e beira ao liberalismo tão criticado pelo autor e anti-dialético, ao não olhar para a luta dos trabalhadores ao investigar o processo histórico e não vê o futuro além do capitalismo.

Entendemos que é correto tanto para Ghiraldelli Jr quanto para o Movimento Renovador da Educação Física ser denominado abstratamente como campo crítico, pois é o que encontramos em suas obras: uma crítica social atenta aos problemas de sua época e da Educação Física. Mas é injusta a afirmação de que esta é uma crítica marxista. A adoção de termos caros a tradição marxista de forma alguma comprova que os autores e suas obras assim o eram.

Talvez seja ainda correto presumir que alguns dos autores tiveram contatos iniciais com marxismo e incorporam alguns conceitos em seus textos. Isso é bem diferente de aprofundar a apreensão do método marxista de análise e intervenção na realidade da vida social. Como Lukács nos lembra é o ponto de vista da totalidade e não o fator econômico na explicação da história que distingue o marxismo da ciência burguesa (NETTO, 2011). Desse modo, história, filosofia, economia, sociologia ou economia-política, biologia, matemática, enfim todas as ciências são necessárias para entender seu respectivo objeto de estudo, mas não só interpretar mas também transformar.

Em fins de conclusão dessa reflexão que a transformação social clamada em Ghiraldelli Junior (1988) é abstrata no sentido de não radicalidade. Se vê isso em Ghiraldelli (1988) que via na Educação Física e nas escolas públicas “transformadas qualitativamente” promovendo uma “socialização da política” iriam em si desenvolver nosso potencial humano (1988, p.59). O que é um idealismo ingênuo, que beira ao papel redentor da sociedade atribuído a escola, advindo do liberalismo criticado pelo autor. – Libertação das consciências não é libertação real e concreta. Como lembra os fundadores dessa tradição: “libertação é ato histórico e não de pensamento” (MARX & ENGELS, 2009, p.32). É uma ideia cara ao liberalismo de esquerda, ou progressismo, de transformar por dentro, ignorando que há insolúveis contradições nas relações sociais no capitalismo, que são um empecilho para uma transformação que traga conquistas concretas e não parciais para a massa despossuída.

Referências

- BRATCH, V. **Educação Física e Aprendizagem Social**. 2.ed. Porto Alegre: Magister, 1997.
- BRATCH, V. Educação Física & Ciência: Cenas de um casamento (in)feliz. **Rev.Brs. Cienc. Esporte**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 53-63, set. 2000.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil – A história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1988.
- COUTINHO, C. N. O Estado brasileiro: gênese, crise, alternativas. In: LIMA, J. C. F.; NEVES, L. M. W.

- Fundamentos da educação do Brasil contemporâneo.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- COUTINHO, C. N. **Gramsci, estudo sobre seu pensamento político.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- DAÓLIO, J. **Educação Física Brasileira: Autores e Atores da Década de 80.** 1997. Orientador: Wagner Ney Moreira. 97f. Tese de Doutorado em Educação Física - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- HOBBSBAWN, E. J. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX 1914 a 1991.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FONTES, V. **O Brasil e o Capital Imperialismo: teoria e história.** 2. ed. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista: A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira.** São Paulo: Loyola, 1988.
- KHALIL, G. **Educação Física cuida do corpo e mente de Joao Paulo Subirá Medina: marxismo sem Marx e a difícil tarefa de semear no deserto.** 2019. Orientador: Marcelo Melo. 21f. Trabalho de conclusão de curso – Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- LIGUORI, G. **Roteiros para Gramsci.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- LUKÁCS, G. **Estética1. La Peculiaridad de lo Estetico.** Vol.1. Barcelona: Grijalbo. 1965.
- MACHADO, T. S.; BRATCH, V. O Impacto do movimento renovador da Educação Física nas identidades docentes: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento de Axel Honneth. **Movimento,** Porto Alegre: v. 22, n. 3, 849-860, jul./set. de 2016.
- MALINA, A. **Possibilidades e Limites ou o Máximo de Consciência Possível – A Educação Física nos anos 1980.** 2005. Orientador: Vitor Marinho de Oliveira. 162f. Tese de Doutorado em Educação Física - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.
- MARX, K. **Contribuição à crítica da Economia Política;** tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, K. **Para a Questão Judaica.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política.** Coleção “Os Economistas”. (Livro III) 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo. Boitempo. 2004 (a)
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política.** Livro I. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2004 (b).
- MARX, K.; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MEDINA, J. P. S. **A Educação Física Cuida do Corpo e ... Mente.** Campinas: Papyrus, 1983.
- MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital: Rumo a uma teoria da transição.** São Paulo: Boitempo. 2002.
- MORAES, V. C. A. **Educação física e aprendizagem social: um diálogo de Bracht com o campo marxista.** 2020. Orientador: Marcelo Melo. 53f. Trabalho de conclusão de curso - Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020

- NETTO, J. P. **Introdução ao Método de Marx**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.
- OLIVEIRA, V. M. **Consenso e Conflito da Educação Física Brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005.
- OLIVEIRA, V. M. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SOARES, C. L. **Educação Física Raízes Europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.
-

Notas:

- ¹ Bacharel em Educação Física na Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2020). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisas em Políticas Públicas de Esporte e Lazer. (GEPOLES). E-mail: anabiacarneiro@yahoo.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1341-1055>
- ² Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (2009), Mestrado em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001). Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997), Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Maringá (2013). Atualmente é Professor Associado da Universidade Estadual de Maringá-PR. Tem experiência na área de Educação Física Escolar e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Física Escolar; Economia-Política e Educação; e Estética E-mail: chfmagalhaes@uem.br .ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9977-2497>
- ³ Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011), mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2004) e graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001). Leciona na Escola de Educação Física e Desportos e no Programa de pós graduação em Educação na UFRJ. Atua com ensino, pesquisa e extensão nos campos de políticas públicas de educação, lazer, esporte, Política Educacional, e teoria social e esporte. Líder do grupo de Pesquisa Coletivo de Estudos de Políticas de Esportes, lazer e Educação Física (GEPOLES). E-mail: marcelaomelo@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0146-4275>
- ⁴ A partir de 1999, Carlos Nelson Coutinho (1943-2012) iniciação publicação de uma nova tradução dos textos gramscianos com novos elementos que não estavam disponíveis na chamada edição temática (versão que próprio Coutinho, junto a outros relevantes nomes, traduziram nos anos 1960). A historiografia da obra gramsciana considera que a chamada edição temática não é versão mais aproximada da produção carcerária de Gramsci por sugerir que o marxista sardo tivesse elaborado “textos temáticos”. Seu trabalho carcerário não segue a estrutura acadêmica. São notas de leituras e estudos. Ver COUTINHO (1999).
- ⁵ Expressão cunhada pelo prof. Dr. Edson Marcelo Hungaro (UNB) em comunicação pessoal ao prof. Dr. Marcelo Melo (UFRJ)

Recebido em: 21 de Jul.2021
Aprovado em:05 de Jul. 2022